

Universo Paralelo

As coisas começavam a acontecer - mas financeiramente, nem tanto. Vera Cruz percebeu que Hermes Aquino estava se dando bem ao compor jingles e, ao mesmo tempo, tinha música rodando na rádio Continental. Fez o mesmo: gravou a balada *Aonde vai você*, mais uma com letra de Buffara. “A música tocava a toda hora, mas não tinha onde comprar. Só fizemos aquela gravação em fita de rolo pra rádio. Faltou visão de mercado”, admite.

Sua produção em estúdio ganharia mais visibilidade com *Paralelo 30*. Idealizado pelo jornalista Juarez Fonseca, o disco colaborativo de 1978 tinha por objetivo reunir nomes que estavam despontando na Capital - Bebeto Alves, Carlinhos Hartlieb, Nando D’Ávila, Nelson Coelho de Castro e Raul Ellwanger completavam a lista.

“Eu sabia que ele era um puta músico. E naquele show do



Detalhe da capa do LP *Paralelo 30*, um dos pilares da música urbana gaúcha

Gil, ao subir no palco e tocar de improviso com Lanny Gordin, um dos maiores guitarristas do Brasil, mostrou que tinha bastante confiança”, lembra Fonseca. “Para o disco, reunimos artistas que misturavam MPB, pop e a

nova música regional revelada pela Califórnia da Canção Nativa a partir de 1971. O Claudio estava nessa e contribuiu com duas belas músicas.” *Sem rei e Ruínas de um sonho* são pedidas até hoje nos shows.

Um orixá chamado Gilberto Gil

Outro episódio memorável na carreira de Vera Cruz é sua jam “involuntária” com Gilberto Gil. Em 1972, o baiano, recém-chegado do exílio, veio a Porto Alegre para lançar seu quinto disco, *Expresso 2222*, no antigo Teatro Leopoldina.

O guitarrista, que estava ali só para ver o show, conseguiu livre acesso aos bastidores por causa de um amigo que fornecia um “fuminho bom” ao cantor. “Os músicos viram que eu estava carregando minha guitarra e me chamaram para o palco. ‘Mas e o Gil?’, perguntei. ‘Ele vai adorar’, responderam.”

Ainda assim, quis se certificar de que não haveria problema. Encontrou o baiano meditando no camarim. A resposta dele foi vaga: “você que sabe”.

Vera Cruz decidiu encarar o desafio. Quando as luzes se apagaram, ele viu que era “tudo mui-

to profissional”, sem espaço para improvisos. “Percebi a fria em que tinha me metido. Resolvi baixar o volume do amplificador e fazer uma percussão abafada na guitarra, pra não atrapalhar”, explica.

Depois de duas músicas (*O canto da ema* e outra que Vera Cruz não recorda), Gil apresentou a banda, músico por músico. Na sua vez, o guitarrista foi citado como “um irmão que apareceu aqui” - e ovacionado pela plateia, que sabia quem ele era. Logo depois, notou alguém se aproximando por trás e fazendo sons sincopados com a boca. Era Gil.

“Parecia que eu estava recebendo um passe. Mas talvez o cara quisesse dizer algo como ‘te liga, tá viajando demais’. Fui recuando até desaparecer no fundo do palco”, ri. “Depois dessa, costumo falar que Gilberto Gil é meu orixá.”

Virando a chave

Um susto fez Vera Cruz rever o ritmo de “loucuras” da vida de músico, ainda nos anos 1970. Do nada, decidiu ir para Amsterdã. Confiando em sua companheira de viagem, uma funcionária do consulado holandês, pegou o avião com a ideia de fazer a vida lá fora, mas sem grana e sem os documentos necessários para permanecer no país. A imigração o deixou permanecer - sob vigília constante e com data marcada pra voltar.

Em cerca de três meses, Vera Cruz conseguiu formar uma banda de estrangeiros “expatriados”. Mas um dia, sob efeito de mesalina, vagou sozinho pela região portuária. “Nunca rezei tanto na vida! Via os caras dormindo em barcos e pensava que poderia acabar por ali. Depois dessa viagem, comecei

a ser uma pessoa mais consequente”, reflete.

Outra mudança veio nos tempos de Bixo da Seda, quando conheceu a então estudante Márcia Lemieszek e teve seu único filho. Hoje com 47 anos, Rodrigo lidera os Pipeliners, que fazem versões de grupos de surf music australiana como Hoodoo Gurus e Spy vs. Spy. E adivinhe quem toca com ele?

“Sempre tive o sonho de que meu pai fizesse parte das minhas bandas, mas nunca pedi. Quando perdemos nosso baixista, em 2021, ele decidiu se juntar a nós, aceitando um desafio enorme, pois sequer conhecia muitas músicas que tocamos. Não poderíamos ter passado nosso período no planeta sem viver essa experiência”, afirma Rodrigo.

Um acervo a ser descoberto

A partir da década de 1980, Vera Cruz decidiu focar na carreira de músico da noite. Montou um repertório popular, com versões de Djavan, Caetano Veloso, Ivan Lins, entre outros. Nos bares, se destacou pelo uso pesado de sintetizadores (uma tendência da época), mas, principalmente, pela violorquestra, instrumento que acopla baixo e violão. “Ninguém era louco de pegar um violão e botar uma corda de baixo, mas foi o que eu fiz. O som é único. Todo mundo começou a perguntar como eu fazia”, ressalta.

Mesmo com a agenda lotada, continuou arranjando tempo para tocar em bandas. Uma delas, Eureka, se tornou conhecida por inaugurar o palco do bar Ocidente, em janeiro de 1981. A formação contava com o velho parceiro Hermes Aquino, e Zé Vicente Brizola, filho de Leonel Brizola e também oriundo da primeira formação do Bixo.

De lá pra cá, Vera Cruz tem se mostrado um verdadeiro operário da música ao vivo. Mas se engana quem acha que deixou de compor. Segundo ele, são mais de 400 músicas registradas em seu estúdio caseiro. Mas só 13 - as que foram lançadas em seu único CD solo, *Vagalume* (2014) - estão disponíveis nas plataformas de *streaming*. Procurando bem, dá pra achar ou-



Vera Cruz já compôs mais de 400 músicas; a maioria segue inédita

tras no YouTube.

Egisto Dal Santo deve levá-lo ao estúdio para gravar novas faixas em breve. Enquanto isso, Edinho Espíndola cruza os dedos. “Ele gravou um belo disco de rock, mas se fizer um de bossa e MPB, me candidato a ser o baterista”, avisa.

Vera Cruz, por sua vez, acha

que já fez o que tinha que fazer. “Agora, tenho vontade de vender meu apartamento e morar na praia. Quero paz e tranquilidade”, revela. Já largar os palcos é um pouco mais difícil. “Enquanto tiver saúde, acho que sempre vou tocar. Porque sou músico, e é isso o que gosto de fazer.”



Com o filho Rodrigo, parceiro na banda Pipeliners, voltada para a surf music



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Já foi repórter e editor no *Jornal do Comércio*. Hoje, trabalha na *República - Agência de Conteúdo* e atua como freelancer.